



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A PREPARAÇÃO DOS PEDAGOGOS (AS) À LUZ DA CIENTIFICIDADE NO CURSO DE PEDAGOGIA DE UNIÃO DA VITÓRIA - 1960

Michele Metelski

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

profissionalmichele@hotmail.com

Resumo

Este estudo relaciona-se com as disciplinas consideradas as “ciências fontes da educação” ou “ciências da educação”. O enredo textual gira em torno do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, Paraná. Através dos conteúdos analisados nos Relatórios Anuais do curso a partir de sua implantação, em 1960, recortamos alguns aspectos relevantes para tornar possível a discussão em foco. Objetiva-se apontar algumas reflexões da presença das disciplinas consideradas de fundamentos da educação, como a Biologia, Psicologia e Sociologia durante a década de 1960. Compreendendo que a educação não é uma ciência autônoma, essas disciplinas realizaram o desígnio de constituir uma ciência do homem e colaborar, através da renovação do ensino, com a profissionalização do magistério, pois a criação de uma nova cultura pedagógica no professorado e a incorporação de novos saberes e hábitos começaram a ser implantados em conformidade com os novos moldes. Nesse contexto, a pedagogia adquire a cientificidade através de uma base científica sólida, compreendendo ser fundamental os processos de formação humana. Os professores (as), qualificados (as), poderiam ter mais claros os fins da educação escolar e das técnicas necessárias, formando os alunos (as) segundo os parâmetros que se almejava na época. As disciplinas que fizeram parte da formação dos pedagogos (as) nos informam que sua preparação se daria à luz dos métodos e técnicas da ciência, acompanhando a pedagogia moderna que visava adequar o ensino brasileiro às novas exigências do mundo capitalista.

Palavras-chave: Pedagogia, Fundamentos da Educação, Cientificidade.

Introdução



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A cientificidade, no campo de conhecimento, acompanhava os signos da modernidade que se evidenciavam no país. A legitimação da ciência, ou do campo científico teve caráter essencial no campo da educação, especialmente nos cursos de pedagogia em todo o país. A nova concepção pedagógica compreendia que do professor se esperava muito mais que dom e experiência, as habilidades passaram a ter outro sentido, o tato pedagógico passou a se fundamentar nas práticas explicadas cientificamente.

Pelo exposto, os novos moldes do professorado deveriam condizer com as novas ideias que se fizeram presentes no campo de formação de professores, pois conforme abordam Biccas e Carvalho (2000), as reformas educacionais ocorridas ao longo da década de 1920 já vinham, paulatinamente, readequando o ensino brasileiro às exigências do novo mundo capitalista, visto que o objetivo central dessas reformas era promover uma nova cultura pedagógica no professorado.

Para acompanhar o desenvolvimento que se almejava no Brasil, a modernização do ensino brasileiro deveria acontecer através de uma aproximação política, econômica, social e intelectual. Dentro desse padrão de pensamento, não se sustentaria apenas a questão da experiência do professor, se fazia necessário e indispensável que se apresentassem habilidades, unindo técnicas e métodos, conteúdos e conhecimentos. Ficando, portanto o professor encarregado de saber como ensinar e o que ensinar.

A nova cultura pedagógica se fundamentou principalmente no campo médico higienista, uma vez que a biologia educacional fundamentava a psicologia, e o campo médico higienista apresentava propostas de intervenções regeneradoras que indicavam transformações a serem realizadas a partir da instituição escolar, nas dimensões físicas, intelectual e moral. A medicina se utilizou da higiene para elaborar discursos sobre a escola, os professores e alunos, fornecendo diretrizes para a educação, cuja inspiração estava nos médicos higienistas franceses.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Metodologia

No campo da pesquisa em educação a definição por um método de investigação se constitui como uma das tarefas importantes, pois é através dele que se possibilitará ao pesquisador obter as respostas para suas questões de investigação. O método da pesquisa documental busca compreender, mesmo que indiretamente a análise dos vários tipos de documentos produzidos pelo homem. “Na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA, 2007, p.70).

A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. Na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram por nenhum tratamento científico (OLIVEIRA, 2007, p.70).

Dessa forma, o método adotado nesse estudo privilegiou os Relatórios Anuais do curso de pedagogia da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, na década de 1960.

Resultados e discussão

Especificamente no curso de pedagogia da FAFI, encontramos no Relatório Anual de 1960, a oferta de seis disciplinas organizadas para a turma da 1ª série. Estas disciplinas foram as seguintes: Fundamentos Biológicos da Educação, Complementos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

da Matemática, Introdução à Filosofia, História da Filosofia, Psicologia Educacional e Sociologia.

Pelas disciplinas que foram ofertadas é possível observar que a preparação dos pedagogos (as) se daria à luz dos métodos e processos da ciência. Essa preparação de professores estava impregnada nas ideias renovadoras e nas novas práticas pedagógicas. Por outro lado, a formação desses profissionais conformava-se por disciplinas de caráter filosófico, pois eram esses os sentidos das áreas de Filosofia e História da Educação.

Henri Marion, se referindo à França, acentuou em sua aula inaugural em 1883 a importância da Filosofia da Educação:

ela deve assumir o seu lugar no ensino público e permitir que a França preencha as lacunas em relação a outros países europeus. O reconhecimento dessa legitimidade da “doutrina da educação” não se limita mais, portanto, às escolas normais dos professores e professoras do curso primário, mas se estende ao ensino superior, em particular, quanto a formação dos professores do secundário. Já não se confia cegamente na “razão instintiva”, mas procura-se desenvolver “as bases de uma cultura racional para a universalidade do povo” (PLAISANCE; VERGNAUD, 2001, p. 13).

As disciplinas que fizeram parte no processo de formação dos pedagogos (as) demarcaram um período importante na profissionalização do magistério. Essa organização dos conteúdos aprofundou o corpo teórico dando sustentação para a formação dos docentes. A constituição dessas disciplinas despertou a consciência científica na educação. A implantação dessa consciência científica é abordada por Evangelista (2002), ao destacar que, de certa forma, organicamente à área através do designativo “educacional” abrange a Biologia, Psicologia, Sociologia e Estatística. Essa pedagogia moderna entendeu ser imprescindível o conhecimento da criança.

Os fenômenos educativos passaram a ser vistos como inquéritos examinados à luz dos postulados de cientificidade, orientada pelo repertório de outras ciências, em especial da Biologia, Psicologia e Sociologia.



A expressão “ciência da educação” aparece em 1912, na obra de *Marc-Antoine Jullien de Paris (1775-1848) L'Esprit de la méthode d'éducation de Pestalozzi*.

No Brasil, já se buscava adequar o ensino brasileiro às novas exigências do mundo capitalista, promovendo então, uma nova cultura pedagógica do professorado que se respaldasse na ciência. As “ciências fontes da educação” ou “ciências da educação”, constituídas pela Sociologia, Biologia e Psicologia, trouxeram o avanço para a Pedagogia, no estatuto da ciência.

Essa nova cultura pedagógica pode ser analisada por diversos olhares, entre eles a formação de professores. Entende-se então que a nova geração de professores deveria possuir uma base cultural respaldada na ciência. A pedagogia apoiada nos conhecimentos científicos procurou abandonar a forma tradicional, ganhando status de pedagogia científica, ampliando seu horizonte mental:

se tem essa cultura geral, que lhe permite organizar uma doutrina de vida e ampliar seu horizonte mental, poderá ver o problema educacional em conjunto, de um ponto de vista mais largo, para subordinar o problema pedagógico ou dos métodos ao problema filosófico ou dos fins da educação; se tiver um espírito científico, empregará os métodos comuns a todo gênero de investigação científica, podendo recorrer a técnicas mais ou menos elaboradas e dominar a situação, realizando experiências e medindo os resultados de toda e qualquer modificação nos processos e nas técnicas, que se desenvolveram sob o impulso dos trabalhos científicos na administração dos serviços escolares (AZEVEDO, 2010, p.35).

Nesse contexto, a educação vai abandonando a base empírica tradicional e incorporando na educação o status de prática científica, introduzindo a “objetividade” nas ciências humanas.

Jules Ferry nos informa que o primeiro curso de “ciência da Educação”, na Sorbonne, priorizava a formação profissional dos mestres do ensino secundário, como complemento da “direção de estudos”, que os estudantes destinados ao magistério recebem na faculdade, posteriormente destinado aos professores das escolas primárias.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A institucionalização das ciências fontes da educação tiveram correlato com a prática de ensino, observação, experimentação e prática, e suas expressões metodológicas e técnicas, que, conforme aborda Evangelista (2002), foram ao encontro de objetivos da formação do magistério e de produção de pesquisa, incorporando os conhecimentos da História, Filosofia, Biologia, Psicologia e Sociologia.

Constituída como uma ciência da educação, a pedagogia se utilizou do estatuto de cientificidade, como coloca Monarcha (1992), construído a partir da sociologia durkheimiana, com inspiração positivista, de uma biologia baseada em teses eugenistas de Galton e de uma psicologia funcionalista de Edouard Claparède.

A psicologia do médico Claparède sustenta uma concepção funcional para as necessidades vitais dos indivíduos e da sociedade (MARQUES, 1990, p.74).

Como teorias da sobredeterminação, Marques (1990, p.76) aponta que:

a Sociologia Educacional de Durkheim, com seu caráter positivista e normativo, vê a educação como socialização metódica das novas gerações, graças à qual a sociedade perpetua sua existência na solidariedade orgânica, fator da unidade social e, ao mesmo tempo, da multiplicidade das funções exigidas pela divisão técnica do trabalho.

Para Durkheim, a educação é suscetível de vários tipos de definições. Um sentido lato inclui todo um conjunto de influências que o ser humano é capaz de receber. Um sentido estrito é aquele ao qual adere Durkheim, é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as que não estão ainda maduras para a vida social. Portanto, para Durkheim:

a pedagogia não era ciência nem arte. Não poderia ser considerada arte porque reduz a maneiras de fazer ajustadas a fins especiais, ainda que se possa reconhecer nela um tanto de reflexão. Mas não poderia tampouco ser assimilada a uma “ciência da educação”. Na verdade, o fim essencial da pedagogia não é conhecer, de maneira desinteressada, a realidade dos fatos educativos: sua orientação é prescritiva e sua finalidade é a prática mesma. As teorias pedagógicas têm por objetivo, não “descrever ou explicar o que é



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ou o que foi, mas determinar o que deve ser”. Quanto a elas, trata-se “de editar preceitos de conduta”. Por conseguinte, a pedagogia pode ser situada numa posição intermediária entre a arte e a ciência, dependente de uma atitude mental específica, como no caso das teorias médicas e políticas. Há reflexão, na verdade, mas essa reflexão não é orientada para a explicação, mas para a ação. Daí vem a famosa fórmula de Durkheim: a pedagogia é uma “teoria prática”, ela não estuda cientificamente os sistemas de educação, mas reflete sobre eles, para fornecer a atividade do educador idéias que o dirijam (PLAISANCE; VERGNAUD, 2001, p.21-22).

As teses eugenistas de Francis Galton, fundador da eugenia, procuravam apresentá-la como a ciência que fornecia as bases teóricas para não só compreender os mecanismos das transmissões de caracteres entre gerações, desenvolvendo uma ciência genuína sobre a hereditariedade humana.

Com o propósito de aplicar os pressupostos da teoria da seleção natural¹ ao ser humano, Francis Galton (1822-1911) nos informa que a eugenia passou a indicar as pretensões galtonianas de desenvolver uma ciência genuína sobre a hereditariedade humana que pudesse, através de instrumentação matemática e biológica, identificar os melhores membros, como se fazia com cavalos, porcos, cães, ou qualquer animal, portanto portadores das melhores características degenerativas e, da mesma forma, evitar que se reproduzissem (STEPAN, 1991, p.1).

Segundo Toledo (1925, p.122-123):

a teoria da evolução justifica a intervenção inteligente para modificar os aspectos naturais, dirigindo-os e treinando-os para a melhoria individual e social. Nessa perspectiva, cabe ao professor “atuar sobre os instintos grosseiros sobre os desvios de normalidade e as corrupções perniciosas, as faculdades superiores do espírito. Educar não é mais comunicar conhecimentos, é inibir tendências más, é intensificar os agentes que criam e desenvolvem as excelências do corpo e da mente.

Stepan (1991) observa que os países da América Latina e a França formavam a corrente latina. Baseavam sua eugenia numa concepção lamarckiana da genética, na

¹ Para aprofundar a teoria da Seleção Natural, consultar Charles Darwin, a origem das espécies, 1859.



qual a hereditariedade se daria por fatores externos e internos, ou seja, o meio seria responsável por alterações genéticas.²

No currículo do Curso de Pedagogia da FAFI, especificamente na disciplina de Biologia Educacional, encontramos a forte influência da genética, da eugenia e da higiene.

A medicina ocupou o campo da educação para legitimar suas práticas sociais, profiláticas e sanitárias, se tornando um importante discurso autorizado e configurado como parte das culturas escolares, uma vez que produziu um conjunto de práticas escolares voltadas para a aquisição de modos de viver, desenhados segundo os propósitos de preservar a saúde, prevenir as doenças, conjurar a morte e moralizar os costumes.

Os médicos entendiam que era na infância, devido a plasticidade cerebral, que se deveria inculcar os bons hábitos de higiene naturalizando-os.

Nesse contexto, compartilhamos com Julia de que a cultura escolar deve ser compreendida como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p. 10-11).

Conforme Pierre Bourdieu (2002), o *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas.

O discurso médico foi uma construção social que tinha a missão de formar os cidadãos dentro do contexto da modernidade que se esperava alcançar na época em que a medicina passava por várias mudanças, juntamente com a sociedade.

² Para aprofundar a discussão sobre eugenia, ver Valdeir Del Conte, Francis Galton: Eugenia e Hereditariedade, 2008.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Os discursos pedagógicos do final do século XVIII dispensavam atenção especial para a criança e a família, que até então, não tinham muita importância. Alguns pensadores europeus, como Rousseau, recomendavam o exercício do corpo para instruir as crianças a respeito do conhecimento do corpo. Chaves (2011) aponta que uma perspectiva pedagógica se consolidou no Brasil, no século XIX, onde a criança se desenvolvia através da ligação do corpo e da mente.

A biologia educacional, disciplina de fundamentos da educação, circulou entre os projetos de renovação educacional desde a década de 1920 ganhando maior importância na era de Getúlio Vargas, quando os esforços da intelectualidade se faziam presentes para sistematizar um saber pedagógico, no qual a biologia, ao lado da psicologia e sociologia, passaram a ter um papel destacado:

a biologia e a higiene tiveram um papel essencial para fundamentar a nova pedagogia, com conteúdos que foram sendo inseridos nos currículos da Escola Normal desde a Reforma Sampaio Dória, de 1920. Por um lado, oferecendo meios de desenvolver a “base biológica”, por meio da defesa da saúde individual, e por outro, dotando o professor de uma sólida base científica. A importância desses conhecimentos, em conjunção a formação de uma cultura geral, associava-se ao entendimento dos fins e meios da educação, e teve importante papel no delineamento de perfis de conduta profissionais, femininos e infantis (VIVIANI, 2005, p.6).

No dizer de Chervel (1990, p.184) “o sistema escolar forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global”.

Toledo (1930) afirma que como todas as transformações sociais, nossa passagem, do que fazíamos para o que devemos fazer, reclama tempo, e, além desse tempo, reclama preparação do professorado e da mentalidade dos pais, adaptação de nossas instalações escolares e remodelação do material de ensino.

A transição de hábitos e a criação de uma nova mentalidade perpassou também pela Psicologia da Educação, uma vez que a Biologia Educacional fundamentou a



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Psicologia. Nesse contexto, observou-se a relevância dos primeiros livros adquiridos pela biblioteca da FAFI a partir de 1960 que puderam fornecer subsídios para fundamentar os conhecimentos relativos às disciplinas ministradas no curso de pedagogia da FAFI e que estavam ligados à Psicologia. As obras principais encontradas foram da área da Psicanálise, Psicologia da criança, Inconsciente, Psicologia Garret, Psicologia Social (Klineberg), Insuficiências Psicológicas das crianças, Psicologia do sexo, Psicologia da atração sexual, Introdução a psicologia coletiva, Psicologia prática, Noções de Psicologia do Adolescente, Noções de Psicologia Experimental, Noções de Psicologia Educacional.

A partir dessas obras, torna-se possível observar o grande interesse pela aquisição de livros adquiridos na área da Psicologia. O apoio às cátedras de Psicologia e Psicologia Educacional nas universidades oficiais foi ganhando apoio a partir de 1950, constituindo-se como um campo do saber paralelo às disciplinas como a Pedagogia, o Direito e a Medicina. Assim, conforme explica Ribeiro (1990), a Psicologia foi ganhando nos seus primórdios, traços de cada uma delas, que foram se misturando ao que estava surgindo enquanto uma nova área intitulada Psicologia.

Legitimada como uma área específica do saber, a Psicologia se concretizou no cenário educacional e social. Ela enfrentou uma união de teorias e práticas que se desenvolveram em outras áreas como a Pedagogia e a Filosofia. Ainda nesse período, a Psicologia vivenciava uma efervescência vinda das ideias do socialismo.

Nessa época, a Psicologia definiu a ideia de natureza humana individual, enfatizando a capacidade individual e dando suporte teórico para a Pedagogia e a Biologia. Suas contribuições se tornaram realizáveis a partir da psicologização das situações escolares e o entendimento do comportamento humano.

O status científico adquirido pela pedagogia ocorreu no auge do movimento da Escola Nova, acompanhando o processo de modernização do ensino.



Conclusão

Segundo Evangelista (2002), a formação técnica e profissional do professor ganhou nova coloração. Não bastava apenas saber o que ensinar, mas saber como ensinar, com base na ciência, especificamente na biologia, sociologia e psicologia, o mestre deveria conduzir o povo para a comunhão dos ideais, dos espíritos.

A contribuição dos pioneiros da educação sobre a cientificidade na formação de professores é indiscutível, visto que, além de renovar a escola, eles inauguraram o campo educacional enquanto área de saber específico que até a década de 1920 não era discutida nem sequer a existência de uma ciência pedagógica, pois predominava a monopolização educacional.

Nesse período, ficou caracterizado por desenvolver um caráter puramente experimental que serviam para desenvolver as observações, as experimentações, práticas e verificações objetivas das novas teorias (EVANGELISTA, 2002).

Referências

AZEVEDO, Mário Luiz Neves. **Políticas públicas, debates contemporâneos e educação**. Maringá: 2010.

BOURDIEU. Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. 2002.

BICCAS, Mauriane Souza; CARVALHO, Marta Maria Chagas. **Reforma escolar e práticas de leitura de professores**. São Paulo: Autêntica, 2000.

CHAVES, Niltonci Batista. **Entre “preceitos e conselhos”: Discursos e Práticas de médicos-educadores em Ponta Grossa/PR (1931-1953)**. Curitiba, Tese (Doutorado em Educação) UFPR, 2011.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa.** Teoria & Educação, v.2, p. 177-229, 1990.

EVANGELISTA, Olinda. **Formação Universitária do Professor. O instituto de Educação da Universidade de São Paulo (1934-1938).** Florianópolis, 2002.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico.** Revista Brasileira de História da Educação, n.1, p. 9-44, 2001.

MARQUES, Mario Osório. **Pedagogia, a ciência do educador.** Ijuí: UNIJUÍ, 1990.

MONARCHA, Carlos. **O lado noturno das luzes.** São Paulo, Tese (Doutorado em Educação), PUC, 1992.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2007.

PLAISANCE, Éric. VERGNAUD, Gerárd. **As ciências da educação.** São Paulo: 2001.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação brasileira: A organização escolar.** São Paulo: Cortez, 1990.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia: Raça, Gênero e Nação na América Latina.** Rio de Janeiro, 1991.

TOLEDO, João. **Escola brasileira. Desenvolvimento do Programma de Pedagogia em vigor nas Escolas Normaes.** São Paulo: Imprensa Methodista, 1925.

_____. **Didáctica (nas escolas primárias).** São Paulo: Livraria Liberdade, 1930.

VIVIANI, Luciana Maria. **Formação de Professores e Escolas e Escolas Normais Paulistas: um estudo da disciplina Biologia Educacional.** São Paulo, 2005.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO